



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA COM  
ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**PATRÍCIA SANTOS DE LIMA**

**DESENVOLVIMENTO DO GOSTO PELA LEITURA ATRAVÉS DA  
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM UMA TURMA DO 1º ANO NA EDUCAÇÃO  
DO/NO CAMPO**

**João Pessoa - PB  
2020**

**PATRÍCIA SANTOS DE LIMA**

**DESENVOLVIMENTO DO GOSTO PELA LEITURA ATRAVÉS DA CONTAÇÃO  
DE HISTÓRIAS EM UMA TURMA DO 1º ANO NA EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo.

Orientadora: Profa. Dra. M<sup>a</sup> Aparecida Valentim Afonso

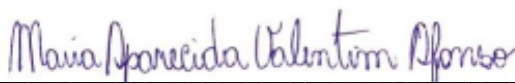
**João Pessoa - PB  
2020**

**PATRÍCIA SANTOS DE LIMA**

**DESENVOLVIMENTO DO GOSTO PELA LEITURA ATRAVÉS DA  
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM UMA TURMA DO 1º ANO NA  
EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo.

**BANCA EXAMINADORA**



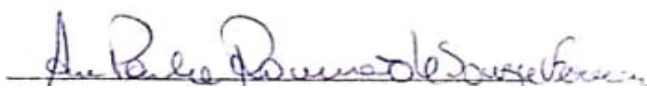
---

Profa. Dra. M<sup>a</sup> Aparecida Valentim Afonso (orientador)  
Universidade Federal da Paraíba



---

Profa. Dra. Gislaine da Nóbrega Chaves (examinador)  
Universidade Federal da Paraíba



---

Profa. Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira (examinador)  
Universidade Federal da Paraíba

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

L692d Lima, Patricia Santos de.

DESENVOLVIMENTO DO GOSTO PELA LEITURA ATRAVÉS DA  
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM UMA TURMA DO 1º ANO NA  
EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO / Patricia Santos de Lima. - João  
Pessoa, 2020.

52 f. : il.

Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Educação do Campo. Leitura. Contação de histórias.  
I. Título

UFPB/BC

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pelo dom da vida, pela força nos momentos em que pensei em desistir e pela graça da sabedoria que nos concede, fazendo-nos capazes de melhorar o mundo.

À professora Maria Aparecida Valentim Afonso pelas leituras sugeridas ao longo da orientação, pela dedicação e por acreditar no meu potencial, pelo seu exemplo de professora que faz o diferencial aproximando-se do aluno com bastante empatia, sua compreensão e motivação fez o diferencial nesse momento tão importante para mim quanto estudante.

À minha família que soube compreender meus momentos difíceis, em especial minha mãe por sua dedicação, esforço e confiança.

Aos meus filhos Luís Gabriel e João Heitor que mesmo tão pequenos são grandes inspiradores em minha vida.

Ao meu esposo Dayvison e minha sogra Tânia, que mesmo não tendo me acompanhado em toda trajetória, agora na reta final ajudaram-me com o pequeno João Heitor e me incentivavam acreditando na minha capacidade.

Aos professores do Curso de Pedagogia do Campo da UFPB, que através de suas teorias e, sobretudo, pelas práticas ensinaram mais que conteúdos e assim, contribuíram ao longo desses anos para a nossa formação.

As amigas Luzinete Rodrigues, Luciene Félix, Joseane Marinho pelos momentos de amizade e nosso grupo de estudo sempre tão dedicado.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar a mediação pedagógica de uma professora do primeiro ano do Ensino Fundamental, durante a prática da contação de histórias para perceber se ela favorece o desenvolvimento do gosto pela leitura nas crianças. Para isso, esse trabalho apoiou-se em discussões teóricas e pesquisas dos seguintes autores: Ariès (1981), Abramovith (2001), Bamberger (2008), Cavalcanti (2002), Freire (1997), Fonseca (2012), Minayo (2010), Ludke (2013), Triviños (2008), Zilberman e Lajolo (2007), dentre outros. A metodologia adotada foi a pesquisa de campo, a partir de uma abordagem qualitativa, que teve como procedimentos metodológicos a entrevista com a docente e as observações das práticas de contação de histórias. As observações indicaram a presença de uma rotina envolvendo a contação de história na sala de aula; uma variedade de histórias narradas; o uso de uma diversidade de materiais para apoiar esses momentos; a valorização de práticas voltadas para o desenvolvimento da oralidade e da leitura por meio das narrativas; o cuidado e a organização do espaço da sala de aula com materiais lúdicos que promovem o envolvimento das crianças, durante as propostas de leitura e de contação. Ainda foi observado o envolvimento da instituição, gestores, professores e auxiliares de biblioteca no incentivo à leitura, uma vez que toda a escola valoriza o trabalho de mediação da leitura e contação de história, sendo realizada de forma rotineira para as crianças.

**Palavras-chave:** Educação do Campo. Leitura. Literatura Infantil. Contação de histórias.

## **ABSTRACT**

The goal of this work is to investigate the pedagogical mediation of a teacher from the first year of Elementary School, during the practice of storytelling to see if she favors the development of a taste for reading in children. To this end, this work was supported by theoretical discussions and research by the following authors: Ariès (1981), Abramovith (2001), Bamberger (2008), Cavalcanti (2004), Freire (1997), Fonseca (2012), Minayo (2010), Ludke (2013), Triviños (2008), Zilberman e Lajolo (2007), among others. The methodology adopted in this work was the field research, from a qualitative approach, which had as methodological procedures the interview with the teacher and the observations of the storytelling practices. As result, the observations indicated the presence of a routine involving storytelling in the classroom; a variety of narrated stories; the use of several materials to support these moments; the valorization of practices related to the development of orality and reading through narratives; the physical organization of the classroom space and the using of playful materials promoting children's involvement, during the proposals for reading and storytelling. It was also observed the involvement of the institution, managers, teachers and library assistants in encouraging reading, since the whole school supports the work of mediation of reading and storytelling, being performed routinely for children.

**Keywords:** Rural Education. Reading. Children's literature. Storytelling.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                          |           |
|----------------------------------------------------------|-----------|
| <b>Figura 1</b> – Sala de aula .....                     | <b>34</b> |
| <b>Figura 2</b> – Painel de leitura.....                 | <b>34</b> |
| <b>Figura 3</b> – Cantinho de leitura .....              | <b>35</b> |
| <b>Figura 4</b> – História Bia Bedran.....               | <b>42</b> |
| <b>Figura 5</b> – Livro “O Lenço” .....                  | <b>43</b> |
| <b>Figura 6</b> – História Carolina Maria de Jesus ..... | <b>45</b> |



## SUMÁRIO

|                                                                               |           |
|-------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>                                                     | <b>10</b> |
| <b>2. EDUCAÇÃO DO CAMPO E LITERATURA INFANTIL: CONCEPÇÕES E HISTÓRIA.....</b> | <b>14</b> |
| 2.1 EDUCAÇÃO DO CAMPO: CONCEPÇÕES E HISTÓRIA.....                             | 14        |
| 2.2 PERCURSO DA LITERATURA INFANTIL.....                                      | 17        |
| 2.3 LEITURA E LITERATURA INFANTIL.....                                        | 20        |
| 2.4 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O DESENVOLVIMENTO DO GOSTO PELA LEITURA .....     | 24        |
| <b>3. REFLETINDO SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA SALA DE AULA.....</b>        | <b>32</b> |
| 3.1 CONTEXTO DA PESQUISA: A ESCOLA.....                                       | 32        |
| 3.2 A SALA DE AULA.....                                                       | 34        |
| 3.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA .....                                            | 34        |
| 3.3.1 A ENTREVISTA.....                                                       | 36        |
| 3.3.2 A OBSERVAÇÃO.....                                                       | 41        |
| <b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                           | <b>48</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                       | <b>50</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>                                                            | <b>52</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Ao começar escrever esse trabalho de conclusão de curso, gostaria de relatar um pouco da minha trajetória como leitora, iniciei minhas leituras com minha tia/madrinha Ednalva, lembro-me das histórias que ela contava com tanto encanto e entusiasmo que nos permitia uma viagem encantadora, o tom da sua voz encenando os personagens, ainda estão presentes em minhas lembranças. Eram tão gostosas as leituras que acabava memorizando algumas, como por exemplo, “Psicologia de um vencido” de Augusto dos Anjos.

Esses momentos de encantamento com a leitura ficaram em minha memória e agora como estudante de Pedagogia e como mãe, também, procuro proporcionar a outras crianças momentos como esses que vivi. Penso que a minha formação como leitora e o desenvolvimento do gosto que tenho pela leitura e pela contação de histórias em grande parte devo a minha querida madrinha.

Através da leitura podemos ter acesso ao mundo, tudo que quisermos saber sobre qualquer área de conhecimento pode ser estudado através da leitura. A leitura nos permite viajar sem sairmos do lugar, ela nos proporciona questionamentos, críticas, aprendizagem, um deslocamento dos tempos, passado, presente e futuro se misturam nas histórias, estimulando nossa imaginação.

Inserir a leitura nos anos iniciais, nas etapas em que as crianças começam a ter acesso mais rotineiro às palavras, torna mais saborosa o encontro com a fonte inesgotável de conhecimento: a leitura.

Durante os estágios pudemos observar que como forma de se sobressair da situação que afeta as escolas públicas, a cada dia o professor(a) precisa ser mais inovador. Algumas escolas públicas sofrem a carência de projetos inovadores que sejam direcionados para o desenvolvimento da leitura das crianças, principalmente, ações leitoras voltadas para o aflorar do gosto pela leitura, por meio dos livros de literatura infantil.

Nessas ocasiões pudemos observar mais de perto que muitas crianças não tinham o hábito da leitura e nem acesso a livros de literatura infantil. Em um dos estágios tivemos a oportunidade de incluir o dia especial da leitura na rotina de uma turma do ensino fundamental. Nesse dia, a rotina era organizada da seguinte forma: pedia os alunos para sentarem em rodinha e nessa formação as histórias eram apresentadas de diferentes formas. Às vezes as histórias eram contadas a partir de um livro, outras vezes com fantoches, com

vídeos, etc. Após a contação as crianças dramatizavam a história, falavam o que tinham compreendido, faziam desenhos, ou até mesmo criavam uma receita culinária, quando a história se relacionava com esse gênero textual.

A experiência vivenciada durante estágio foi considerada pela gestão da escola muito positiva, uma vez que o desenvolvimento das crianças expandiu, a cada história contada elas se deleitavam e percebíamos que ficavam cada vez mais entusiasmadas. Percebíamos que as leituras das narrativas aumentavam a vontade de aprender a ler, pois as crianças ficavam curiosas e queriam saber o que acontecia nas histórias. Acreditamos que essa prática acelerou o processo de alfabetização e letramento das crianças de forma muito significativa.

Devido aos resultados positivos observados no desenvolvimento das crianças surgiu o desejo de conhecer as práticas de mediação de leitura e de contação de histórias nas escolas do município com crianças oriundas do campo. Durante a realização do estágio fizemos reflexões com base nos problemas que estávamos vivenciando e observando. Posteriormente, essas reflexões se transformaram em questões que apresentamos nessa pesquisa e que nortearam a realização da pesquisa. Dentre as questões destacamos: Como os alunos se comportam durante a contação de histórias? Como o professor conta história? Com que objetivos a professora conta histórias para as crianças? Que materiais e suportes são utilizados? Em que espaço é feita a contação? Que interações são realizadas durante a contação?

Diante disso, podemos afirmar que as experiências que vivemos durante o estágio despertaram o interesse por desenvolver a pesquisa “Desenvolvimento do gosto pela leitura através da contação de histórias em turmas do 1º ano na educação do/no campo ” que teve como objetivo geral investigar a mediação pedagógica de uma professora do primeiro ano do Ensino Fundamental, durante a prática da contação de histórias para perceber se ela favorece o desenvolvimento do gosto pela leitura nas crianças

Acredito que o trabalho com a contação de histórias junto às crianças tem múltiplas funções no desenvolvimento da criança, pois além de proporcionar a aquisição de conhecimentos de forma prazerosa, também possibilita o desenvolvimento da leitura e da escrita. É sabido que a presença da literatura infantil e da narrativa de histórias na rotina das crianças desde cedo, amplia a oportunidade das crianças desenvolverem o hábito de leitura e uma escrita mais autônoma e criativa.

A partir do objetivo geral temos os seguintes objetivos específicos: observar a prática de contação de histórias da professora; identificar nas propostas realizadas pela professora aspectos que favorecem o desenvolvimento do gosto pela leitura; registrar os diferentes

materiais, suportes e gestos utilizados pela docente durante a contação de histórias; refletir sobre como são realizadas as interações nesses momentos.

A metodologia dessa pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa que segundo Minayo (2010):

O verbo principal da análise qualitativa é compreender. Compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento.[...] Ao buscar compreender é preciso exercitar também o entendimento das contradições: o ser que compreende, compreende na ação e na linguagem e ambas têm como características serem conflituosas e contraditórias pelos efeitos do poder, das relações sociais de produção, das desigualdades sociais e dos interesses<sup>12</sup>. Interpretar é um ato contínuo que sucede à compreensão e também está presente nela: toda compreensão guarda em si uma possibilidade de interpretação, isto é, de apropriação do que se compreende. A interpretação se funda existencialmente na compreensão e não vice-versa, pois interpretar é elaborar as possibilidades projetadas pelo que é compreendido<sup>6,9</sup>.

De acordo com a autora a pesquisa qualitativa tem como característica principal compreender o indivíduo e o espaço pesquisado, com a finalidade de entender no caso da minha pesquisa, o desenvolvimento das crianças através da contação de histórias.

Lüdke, André (2013) afirmam que nas pesquisas qualitativas os dados coletados são predominantemente descritivos, partindo da análise do pesquisador e de sua compreensão do todo para a reflexão sobre o que pode ser ou não esclarecido, pois a descrição deve possibilitar um diálogo com o objeto. Na pesquisa qualitativa a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto, pois é nessa fase que se constrói as hipóteses que nortearão a própria pesquisa e possibilitarão a formulação descritiva necessária para a construção de um novo conhecimento.

Por isso, nesse estudo, a pesquisa qualitativa foi adotada por possibilitar compreender a maneira como as práticas de contação de histórias foram realizadas pelas professoras do primeiro ano, e como elas influenciam no desenvolvimento do gosto pela leitura pelas crianças. Para tanto, faremos uma descrição dos aspectos observados nas práticas leitoras.

Em relação ao tipo, optou-se pela pesquisa de campo que, de acordo com Gil (2008), procura o aprofundamento de uma realidade específica. É basicamente realizada por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar as explicações e interpretações do que ocorrem naquela realidade. As informações da escola para verificar se nela existe ambiente leitor como sala de leitura e biblioteca ajudam a compreender o espaço escolar e a importância dada a contação de histórias e a leitura na

instituição. Por sua vez, entrar na sala de aula e observar as práticas de contação de histórias, a sua organização espacial e o ambiente criado para a leitura nos fornecem elementos que ajudam a papel da leitura na escola.

Após a definição do tipo de pesquisa optamos pela realização dos seguintes procedimentos: a entrevista semiestruturada e a observação. De acordo com Gil (1999), a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas em trabalhos científicos. Esta técnica é bastante adequada para a obtenção de informações, pois os entrevistados da pesquisa são as pessoas que vivenciam aquela determinada realidade que está sendo pesquisada e podem trazer dados preciosos sobre os fatos.

Para Laville & Dionne (1999), na entrevista semiestruturada pode ser feita “[...] uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista”, buscando coletar dados de forma mais informal e mais específica para necessidade de cada entrevistado.

Em relação à organização desse procedimento Triviños (2008), orienta que a entrevista semiestruturada deve partir de questionamentos básicos, suportados em teorias que interessam à pesquisa, podendo surgir hipóteses novas conforme as respostas dos entrevistados.

## **2 EDUCAÇÃO DO CAMPO E LITERATURA INFANTIL: CONCEPÇÕES E HISTÓRIA**

Nesta parte trazemos um pouco da trajetória da educação do campo, assim como a inclusão da literatura infantil na sociedade. A história sobre o surgimento da educação do campo articulada as lutas dos movimentos sociais e dos povos do campo ajuda a compreender a necessidade de garantir espaço para o debate e a oferta de uma educação do campo de qualidade. Ainda discutimos o surgimento da literatura infantil, mostrando os avanços dessa produção que ganha brasilidade pela escrita de Monteiro Lobato e vai se consolidando com a ampliação do número de autores e premiações. Destacamos ainda, a importância da contação de histórias no espaço escolar com a função de incentivar o gosto pela leitura nas crianças. Para tanto, dialogamos com as ideias de Abramovich (2001), Ariès (1981), Bamberger (1975), Cavalcanti (2002) entre outros.

### **2.1 Educação do Campo: Concepções e História**

O Brasil era um país considerado nitidamente rural e assim se manteve até a década de 1920, mas a cada novo período a tendência de aumento da população urbana e o decréscimo da população rural foi se concretizando.

Nas primeiras décadas do século XX, o Brasil vive uma experiência de urbanização que não acompanha o processo de industrialização. Segundo Romanelli (1998, p.59),

onde se desenvolveu o capitalismo, nasce a necessidade de leitura e da escrita, como pré-requisito de uma melhora de condição para a concorrência do mercado livre. No entanto, analisando a conjuntura da época, percebe-se que esta população é muito mais expulsa do campo e de suas atividades profissionais do que propriamente atraídas pela as possíveis melhorias de vida na cidade.

Entretanto, no final da década de 1920, o descaso com a educação nos meios rurais alterou-se um pouco, tendo em vista o fortalecimento das concepções nacionalistas. Desta forma desenvolveu-se no país a ideia de ensino rural, na busca da construção de uma identidade do povo brasileiro, em especial do campo.

Ao longo da história a educação do campo no Brasil, passou por um processo de exclusão social, como com relação às questões históricas que são nitidamente sonegadas

como por exemplo a questão do “descobrimento do Brasil”, a exploração dos nativos, e as questões das divisões de terra para os latifundiários.

A partir de meados de 1930 passam a ser desenvolvidos alguns programas voltados para as comunidades rurais. Esses programas tinham como objetivo, evitar o êxodo rural a partir de uma educação voltada para as necessidades camponesas, ou seja, “[...] os pedagogos ruralistas entendiam como sendo fundamental que se produzisse um currículo escolar que estivesse voltado para dar respostas às necessidades do meio rural...”(NETO, 2003, p.11). Sendo assim, seria possível garantir a permanência do homem do campo na zona rural.

Apesar dos debates em torno da questão da desconstrução da ideia do “descobrimento do Brasil”, o país ainda continua sendo “descoberto” nas escolas. Algumas pessoas ainda insistem em considerar os povos indígenas como “primitivos” e de “cultura atrasada” e os negros como aqueles que foram escravizados porque eram inferiores aos europeus. No entanto, é possível perceber um movimento de mudança nesses discursos e nos paradigmas de exclusão e preconceito na medida em que os currículos das escolas públicas passaram a incluir em seus temas de estudo a cultura indígena e africana. Tais estudos são garantidos pelas Leis 10.639/03 e 11.645/08, tendo em vista que essa mudança no cenário escolar brasileiro é decorrente das lutas do movimento negro e indígena, que tornou obrigatória a inserção da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena nos currículos escolares de modo mais incisivo e crítico.

O preconceito e a exclusão também atingem a educação do campo que, sempre foi discriminada, até mesmo na nomenclatura dada pelos governantes (elite brasileira), ou seja, considerada de segundo plano.

Nesse sentido, Pinheiro (2011, p.1) afirma que,

[...] a educação do campo tem se caracterizado como um espaço de precariedade por descasos, especialmente pelas políticas públicas para as populações que lá residem. Essa situação tem repercutido nesta realidade social, na ausência de estradas apropriadas para o escoamento da produção na falta de atendimento adequado à saúde; na falta de assistência técnica; no não acesso a educação básica e superior de qualidade, entre outros[...]

O descaso com a educação rural chega a tal ponto que a Constituição de 1934 estabelece que não poderiam se beneficiar de tal educação os que residiam e trabalhavam nas áreas rurais, exceto dos filhos das elites agrárias.

A educação para as pessoas moradoras da zona rural é citada no Artigo 156, parágrafo único, que diz “Para a realização do ensino nas zonas rurais, a União reservará no mínimo,

vinte por cento das cotas destinadas a educação do respectivo orçamento anual” (BRASIL,1934).

Foram nos anos de 1940 e 1950, que grandes transformações marcam a vida dos brasileiros, pois nessa época as pessoas, em busca de melhor qualidade de vida, um contingente grande de famílias sai do seu local de origem “o meio rural” com destino as grandes cidades. Esse fenômeno ocasionou outros problemas, como é o caso da marginalidade, visto que as pessoas que saíam do meio rural muitas vezes eram despreparadas profissionalmente e não conseguiam encontrar emprego, aspecto que provocava uma frustração às suas expectativas de uma vida melhor.

Por sua vez, os alunos do campo quando chegavam à cidade se deparavam com significativas diferenças dos conteúdos, currículo bem como das vivências da prática da escola urbana que eram descontextualizadas da realidade que conheciam. Com isso, muitos alunos abandonavam as escolas.

Podemos observar que a urbanização e a modernização da sociedade ocasionaram grandes avanços na escolarização rural, porém percebe-se que esses avanços ainda não foram suficientes para solucionar todas as dificuldades vivenciadas pelos alunos e professores das escolas do campo bem como do ensino ministrado nela.

Na década de 1940, as escolas rurais eram poucas e precárias, distantes umas das outras, ausentes de orientação metodológica e didática, sendo constante a falta de verbas e de professores. Nesse momento, não havia o cuidado para que os professores tivessem a formação profissional devida para atuar, muitas vezes não possuíam nem formação inicial.

Na década de 1960, são construídas escolas públicas destinadas aos pobres, à classe trabalhadora com a finalidade de formação de técnicos para a indústria. A partir dessa época muitas escolas na área rural começaram a ser desativadas. Com isso, na metade do século XX, o governo brasileiro autorizou a criação de colégios agrícolas. Porém, esses colégios eram dentro de propriedades rurais com o objetivo de utilizarem a mão de obra gratuita dos estudantes para se enriquecerem, isso com o apoio da Constituição e do Estado.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº4024, de 1961, no Título III, art.32, “Os proprietários rurais que não puderem manter escolas primárias a crianças residentes em suas terras deverão facilitar-lhes a frequência as escolas mais próximas, ou propiciar a instalação e funcionamento de escolas públicas em suas propriedades” (BRASIL,1961).



Porém, a preocupação que as crianças ficassem sem estudar não era com a educação, e sim com a industrialização, pois as crianças que estudavam em escolas primárias nas propriedades rurais seriam aproveitadas futuramente pelas indústrias instaladas nas cidades.

Apenas no final da década de 1970 e início de 1980, a população rural, cansada de tanta injustiça, começou a se organizar, surgindo então um dos movimentos sociais mais bem organizados, o MST (Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra).

O MST nasceu com o propósito de lutar por uma educação mais justa para a população rural, levando em conta o meio em que estão inseridas, pois por não levar em conta a realidade do setor a que se destina, dificulta ainda mais o desenvolvimento das crianças em idade escolar que habitam no campo, sem preocupar-se em construir uma proposta educacional gerada para esse setor.

O MST reivindica uma educação que possibilite integrar a criança e o jovem através de uma escola que dê a formação necessária aos sujeitos do campo, que lutam para conquistar uma sociedade mais socialista com direito a uma educação de qualidade. Em sua maioria, as pessoas que fazem parte do Movimento Sem Terra passaram por experiências que retratam a exclusão de direitos sociais como a perda de suas terras e, por isso, acreditam na luta pela reforma agrária utilizando dentre outras estratégias o processo de ocupação de terras, planejado e controlado pelas lideranças do movimento. O movimento trabalha com a ideia de que, quando os trabalhadores do campo têm condições de produzir alimentos em suas terras eles contribuem para amenizar os problemas do Brasil.

Pode-se concluir que o MST é um movimento de fundamental importância para despertar e desenvolver o ensino no campo, por reunir um grande grupo de pessoas com o mesmo objetivo e por cobrar maior participação na vida política do país, aspecto que tem contribuído para melhorar a qualidade da escola do campo.

## **2.2 Percurso da Literatura Infantil**

Temos como marco da literatura infantil no século XVIII, na França, o escritor Charles Perrault, considerado pai da literatura infantil, autor dos contos infantis como: “As Histórias de Mamãe Gansa”, “A Bela Adormecida no Bosque”, “Chapeuzinho Vermelho”, “Barba Azul”, “O Gato de Botas”, “As fadas”, “Cinderela”, “Riquê do Topete” e “O Pequeno Polegar”. Os contos de Perrault foram adaptados ao público leitor

brasileiro no final do século XIX e até hoje são lidos pelas crianças em suas variadas versões.

Antes desses primeiros escritos infantis, as crianças eram consideradas adultos em miniatura. Por isso tinham que executar as mesmas tarefas que os adultos realizavam, fazendo parte de um contexto onde não eram reconhecidas em suas especificidades físicas e emocionais. Assistiam atos de violência social como enforcamentos em praça pública, pena de morte que eram realizadas na presença de todos, adultos e crianças. Além disso, nessa época as crianças eram tratadas sem afetividade pelos pais. As crianças vivenciavam toda a realidade do mundo dos adultos e não eram poupadas de nenhuma situação, por mais violenta que fosse. Tais fatos mostram que a sociedade dessa época não reconhecia as especificidades da infância e sua identidade.

Philippe Áries (2006), historiador francês ao analisar as obras de artes produzidas entre os séculos XIII e XVII, trouxe à tona a visão que a sociedade tinha da criança, ou seja, como ela era retratada nas pinturas de grandes artistas. Para o autor, “[...] a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo” (ÁRIES, 2006, p. 17).

A esse respeito, Áries (2006, p.16) afirma que,

Tem-se a impressão, portanto, de que, a cada época corresponderiam uma idade privilegiada e uma periodização particular da vida humana: a “juventude” é a idade privilegiada do século XVII, a “infância”, do século XIX, e a “adolescência”, do século XX. Essas variações de um século para o outro dependem das relações demográficas. São testemunhos da interpretação ingênua que a opinião faz em cada época da estrutura demográfica, mesmo quando nem sempre pode conhecê-la objetivamente.

Apenas no final do século XVIII com a revolução francesa que a criança começa a receber um olhar mais cuidadoso, introduzindo-as na educação.

A História social da criança foi sendo construída aos poucos, desde sentimentos mais direcionados para elas, quanto a elaboração de móveis, roupas, brinquedos adequados para sua idade, assim como histórias e narrativas direcionadas para esse público. A organização de narrativas que promoviam ensinamentos morais e comportamentais eram o foco das histórias nesse momento. Aos poucos livros com histórias destinadas às crianças foram organizados, recontando fatos, lendas e fábulas envolvendo animais representando seres humanos em suas diferentes virtudes e defeitos. Essas histórias continham ensinamentos e eram amplamente

divulgadas, na tentativa de mostrar os problemas e angústias enfrentados pela sociedade na época. Tais histórias agradavam tanto crianças quanto os adultos.

No Brasil, os livros de literatura infantil tiveram desenvolvimento tardio e lento. Zilberman e Lajolo (2007) destacam que apenas entre a década de 1890 e 1920, devido ao aumento da população urbana e ao desenvolvimento da cidade que os livros passam a ter importância perante a sociedade burguesa, pessoas essas que concentravam o poder e que tinham condições financeiras de adquirir os livros.

Com o modelo econômico do Brasil se modernizando, tornando-se mais consumidor de bens culturais, a literatura infantil começa a ganhar importância através de campanhas para a instrução, alfabetização e pela escola. Zilberman e Lajolo (2007, p. 29) destacam um trecho de José Veríssimo que expressa a crença nas virtudes do livro infantil.

Em outro diapasão, o crítico literário José Veríssimo expressa de modo exemplar a crença nas virtudes do livro nacional. Reivindicava ele ‘Um material escolar não só feito pelos brasileiros, o que é o mais importante, mas brasileiros pelo assunto, pelo espírito, pelos autores trasladados, pelos poetas reproduzidos e pelo sentimento nacional que o anime’.

Críticos literários como José Veríssimo lutavam por uma literatura não apenas brasileira, mas uma literatura viva, na qual os livros contivessem os mais diversos assuntos relacionados ao povo brasileiro como podemos perceber no trecho acima. Jornalistas, intelectuais e professores reivindicavam fortemente o patriotismo literário brasileiro, pois a literatura implantada no Brasil, nessa época era marcada por obras estrangeiras, que apresentavam aspectos culturais e sociais distantes de nossa realidade. Dessa forma, diversos autores e estudiosos apelavam pelo estímulo do surgimento dos livros infantis brasileiros.

Nesse sentido, Zilberman e Lajolo (2007, p. 29) ressaltam que

Data igualmente do final do século passado o livro *Contos infantis* (1886), de Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira. Em 1904, Olavo Bilac e Coelho Neto editam seus *Contos pátrios* e, em 1907, Júlia Lopes de Almeida lança as *Histórias da nossa terra*. Em 1910, surge a narrativa longa *Através do Brasil*, de Olavo Bilac e Manuel Bonfim; sete anos depois, Júlia Lopes de Almeida com uma história: *Era uma vez*. Em 1919, com o romance *saudade*, Tales de Andrade praticamente encerra esse período da literatura infantil brasileira.

Nas décadas posteriores, podemos observar no Brasil que os livros eram voltados para uma literatura mais traduzida e adaptada dos clássicos europeus. Por volta de 1904, começa a surgir uma preocupação em promover uma literatura mais nacional e com finalidade educativa.

Em 1921, Monteiro Lobato publica a primeira história direcionada pra criança, ressaltando uma literatura genuína que destaca a cultura brasileira com seus personagens e costumes. A partir desse momento, gradativamente o número de livros cresce sensivelmente no país, e começam a se destacar outros autores como, Cecília Meireles, Viriato Correia e outros, dando origem a poemas e história infantis de produção genuinamente brasileira.

Desde as origens, a literatura aparece ligada a essa função essencial: atuar sobre as mentes, nas quais se decidem as vontades ou as ações; e sobre os espíritos, nos quais se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem [...]. No encontro com a literatura (ou com a arte em geral) os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade (COELHO, 2000, p. 29).

Na década de 1990, a literatura brasileira recebe reconhecimento internacional por sua qualidade gráfica e textual, ganhando premiações. Nesse momento, os livros de literatura infantil são adquiridos em grande escala para programas que têm como objetivo o incentivo a leitura nas escolas públicas do país. O livro que antes era um objeto raro nas escolas, passa a fazer parte da rotina das salas de aulas, como parte essencial para o desenvolvimento pela leitura por crianças e jovens.

### **2.3 Leitura e Literatura Infantil**

Ao falarmos de literatura infantil nos vem logo as primeiras histórias as quais pudemos ouvir em nossa infância, seja no ambiente familiar, seja na escola, mas a literatura infantil com todo seu encantamento marca a história das crianças. Hoje sabemos que a maioria das crianças brasileiras tem acesso aos livros de literatura infantil e suas histórias na escola.

Ao entrar na educação infantil a criança conhece o gênero guiado pela voz do professor. Nos anos seguintes, o acesso à literatura infantil tem continuidade, pois há a compreensão de que a leitura dos livros de literatura, nos anos iniciais do ensino fundamental é muito importante para incentivar o desenvolvimento do gosto pela leitura nas crianças. Acreditamos que essa prática favorece o processo de alfabetização das crianças, pois quando elas se interessam pelo livro, sentem a necessidade de compreender o que está escrito para poder entender a mensagem do livro.

Por isso, no primeiro ano do Ensino Fundamental, momento em que a criança inicia o processo de alfabetização, observamos que a cada conquista realizada na leitura das palavras

e na descoberta do seu sentido, elas vão se mostrando maravilhadas com as histórias e com os novos conhecimentos que elas propiciam. Nesse sentido, Lupion apud Samua (2011) afirma que a literatura atinge a criança em seu núcleo psicológico e emocional.

Do ponto de vista psicológico, alguns autores destacam a fascinação que as histórias desempenham sobre a criança, de qualquer faixa etária, raça ou classe social, em que as crianças normais ou com alguma deficiência seja ela física ou psíquica, independentemente de qual for a criança, a mesma terá interesse por histórias. Defensores do construtivismo, por exemplo, acreditam que a literatura infantil permite que o indivíduo tenha uma referência inicial para suas construções linguísticas e psicológicas (LUPION, 2011, p.13).

Para atingir os aspectos destacados pelo autor, a leitura e a contação deve ser feita de forma entusiasmada pelo professor, chamando a atenção da criança para pontos importantes da narrativa e para detalhes que marcam os personagens. Quando são utilizados recursos corporais, vocais e externos como: fantoches, objetos, brinquedos e outros, damos possibilidade para que as crianças façam uma viagem pela história, de modo a buscar uma relação entre a realidade e a ficção, e favorecendo aprendizagens intelectuais e afetivas.

Na escola, a narrativa de história é destacada em documentos oficiais que orientam as propostas de trabalho voltadas para o desenvolvimento da leitura de forma ampla. O PCN (BRASIL,1997, p.38) orienta que

[...] Para tornar os alunos bons leitores — para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura —, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e, também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente.

Sabemos do importante papel que a família tem no desenvolvimento do gosto pela leitura das crianças. Isto porque, quando os pais leem para os filhos; quando em casa há a presença de livros; quando as crianças assistem adultos realizando atos de leitura há a tendência de que elas se apropriem desse comportamento leitor.

No entanto, diante da realidade percebida, em grande parte das famílias dos alunos e alunas das escolas públicas, esse comportamento leitor, por parte da família não acontece. Nesse sentido, entendemos que o desenvolvimento do gosto pela leitura deve envolver um trabalho mútuo da escola e da família, pelo fato de que nem todas as crianças têm acesso a leitura dentro de casa. Muitas vezes, a escola é a única responsável pelo contato da criança com livros e com as narrativas de histórias.

Para realizar as propostas de leitura na escola Bamberger (1995, p. 11) ressalta a importância do desenvolvimento de várias capacidades nos estudantes, pois compreende que

A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e o exercício intelectual e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal do indivíduo.

Para tanto, é preciso incentivar a criança a ler com prazer, desenvolvendo o gosto de desvendar novas histórias, em busca de fantasias e viagens a outros mundos, que as narrativas e os textos literários proporcionam. Sabemos que a partir da motivação pela leitura surge nas crianças o interesse de trazer para o cotidiano o hábito da leitura, que impulsiona o conhecimento, ampliando a visão de mundo.

Incentivar a criança a familiarização com o livro desde cedo, faz com que a literatura se torne parte da realidade da criança, por isso o trabalho da leitura dentro da escola em um cantinho especial tem tanta valia para o desenvolvimento pessoal, intelectual dessas crianças. De acordo com Abramovich (1991, p. 33).

[...] Há prazer de folhear um livro, colorido ou branco e preto [...] livros feitos para crianças pequenas, mas que podem encantar aos de qualquer idade, são, sobretudo, experiências de olhar, de um olhar múltiplo, pois se vê com o olhar do autor e do olhador/leitor, ambos enxergando o mundo e os personagens de modo diferente, conforme percebem o mundo. Saborear e detectar tanta coisa que nos cerca usando este instrumento nosso tão primeiro, tão denotador de tudo, a visão.

Ao conceber a leitura de forma mais ampla podemos perceber que as crianças leem, não como algo habitual, mas que a leitura está presente em seu cotidiano, seja com textos ou imagens, através da leitura de gibis, desenhos, livros de imagens etc. Cosson (2006, p. 38), afirma que “[...] a leitura não está restrita às letras impressas em uma página de papel. Os astrólogos leem as estrelas para prever o futuro dos homens. O músico lê as partituras para executar a sonata [...]”.

Para o autor não devemos considerar apenas a leitura de livros impressos e de textos escritos. Nessa concepção, a leitura tem outras dimensões que envolvem a percepção de uma obra de arte e do mundo que está ao nosso redor.

No entanto, para que a criança tenha acesso a leitura, seja ela de textos escritos ou de outros aspectos e linguagens, é preciso um processo de mediação. Na escola essa mediação é feita pelo professor. É o professor quem deve apresentar o livro para as crianças, é ele que deve ler as histórias e mostrar o encantamento das palavras. Segundo Cosson (2006, p. 32), “o

professor é o intermediário entre o livro e aluno [...]”. Entende-se que as crianças só se tornarão leitores assíduos se forem motivados e conviverem com professores leitores. A mediação do professor também é necessária para a leitura de outras linguagens, como a pintura, por exemplo.

O professor deve mostrar atos de leitura, deixar as crianças escolherem os livros, mas também escolher um para sua leitura individual. Pois nessa fase as crianças têm como exemplo as atitudes do professor, observando como ele segura o livro com as mãos, bem como o seu envolvimento com a narrativa. Por isso, entendemos que o ato de ler e contar histórias deve ser planejado pelo professor para que ele possa destacar na narrativa aspectos que possam despertar o maior interesse da criança. Conforme ressalta Abramovich (2001, p. 22),

[...] Ler histórias para crianças é também suscitar o imaginário e ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos [...].

Nesse sentido, pode-se dizer que muitas crianças ainda são privadas de seu direito ao acesso ao livro de literatura, fato que afeta a formação leitora do aluno, dificultando a tomada de consciência sobre a importância da leitura e desenvolvendo a proficiência leitora.

Para tanto, entendemos que a contribuição dos pais é de extrema importância para a formação leitora da criança. Infelizmente, sabemos que muitos adultos não tiveram acesso, não sabem ou não gostam de ler. Além disso, temos alguns outros motivos que dificultam a contribuição dos pais com esse processo: a vida corrida dos adultos, a falta de tempo, a ausência de livros em casa, a pouca condição financeira para adquirir essa produção e, até mesmo, a não valorizam da leitura. De acordo com Maia (2007, p. 51),

[...] Embora haja uma ênfase na escola quanto ao papel de formadora de leitores, outra instituição é cobrada em dar sua contribuição: a família, a autora ainda aponta, “que um leitor se forma até os doze anos de idade (dados da UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a ciência e a Cultura), sendo, pois, fundamental que a criança trave contato com o livro desde os primeiros anos de vida.

Quando a criança tem experiências com leitura na família, no ambiente familiar, a possibilidade de que ela desenvolva o gosto se potencializa. A criança que recebe da família esse modelo de leitor e que tem a primeira experiência com os livros e a contação de história

com os adultos, no seio familiar tendem a ter uma relação mais próxima com a leitura e a desenvolver mais rapidamente o gosto pela leitura.

Portanto, faz muito sentido pensarmos a literatura como porta de entrada para a leitura das crianças. As histórias abordam situações muito próximas de seu cotidiano, falam de famílias, diferentes culturas e épocas, dos sentimentos, das relações, alimentam a imaginação e a fantasia, e contribuem com a socialização. Além disso, durante parte da infância as crianças buscam saber o que faz parte da realidade e o que é ficção. Sem dúvida esses são conceitos difíceis, porém as histórias as ajudam a compreendê-los. Fornecem elementos para ampliação de seu conhecimento literário, social, histórico e cultural (FONSECA, 2012, p. 23-24)

Para o autor, a literatura remete a ludicidade, ao aconchego e ao prazer de ler. As narrativas, afastadas agora do cunho essencialmente moral, tem como objetivo o entretenimento e a diversão. Além disso, a literatura proporciona o contato com a arte, por meio de linguagem literária que muito colabora para a aprendizagem estética da criança.

## **2.4 Contação de história e o desenvolvimento do gosto pela leitura**

Contar histórias não é apenas uma atividade a ser desenvolvida em sala de aula, mas um ato mágico, no qual fantasia e realidade se misturam, desenvolvendo através das histórias a personalidade de cada criança. O ato de ouvir e o de contar histórias está presente em todas as fases da vida. Podemos afirmar que desde o nascimento, ou até mesmo, antes de nascer a criança ouve histórias e participa de momentos lúdicos que envolvem as narrativas de histórias e a mediação da leitura. Para Abramovith (2001, p. 16-17)

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fada, trechos da bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagem), livros atuais e curtinhos, poemas sonetos e outros mais... contados durante o dia – numa tarde de chuva, ou estando todos soltos na grama, num feriado ou domingo – ou num momento de aconchego, à noite, antes de dormir, a criança se preparando para um sono gostoso e reparador, e para um sonho rico, embalado por uma voz amada

A criança que está habituada à leitura, ao chegar na idade escolar não terá dificuldades com o reconhecimento das letras e se a contação de histórias for bem feita, ela é capaz de recontar as histórias com a riqueza de detalhes, ou até mesmo fazer críticas e comentários que extrapolam o tema da narrativa. Por outro lado, se a contação não for interessante e se a



criança não tiver tido oportunidade de ouvir histórias ela poderá sentir mais dificuldade no reconhecimento das letras e na expressão de uma compreensão da narrativa ouvida.

O gesto de ouvir é tão importante quanto o de contar, pois através do ouvir é possível sentir inúmeras sensações quando se permite envolver-se pelo momento. De acordo com Abramovich (2001, p. 23) “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra)”.

Ao ouvir histórias a criança pode desenvolver várias habilidades, pois os livros de literatura infantil e os textos literários possuem qualidades estéticas e linguísticas que possibilitam à criança o conhecimento e o desenvolvimento de habilidades que extrapolam a leitura. Abramovich (2001, p. 17) reitera essa ideia ao destacar que

[...]É ouvindo histórias que se pode sentir(também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário.

A partir do momento que a contação de histórias passa a se tornar um hábito a criança passa a desenvolver o prazer pela leitura, muitas vezes através da curiosidade em querer saber o que acontece com os personagens e como será o final da história, ou pelo fato de querer recontar a história para colegas ou mesmo para os pais, através desse interesse pela leitura a criança descobre melhor o mundo.

Cada vez que contamos uma história fazemos nascer um novo mundo, uma curiosidade do inesperado e misterioso, uma verdadeira interação entre o narrador e ouvinte.

O momento da contação de história é algo que traz consigo também a revelação de um segredo, o ouvinte toda vez que vai se iniciar uma história surge a expectativa do tipo de história que será contada, e vai se envolvendo pela contação desde que seja bem conduzida.

Contar histórias não é algo simples ou banal, é uma atividade que traz consigo a tradição, toda vez que uma história é contada é acionado o passado do contador, todo mundo já sentou ou pelo menos parou para ouvir algum tipo de história e, principalmente, na infância onde a realidade e a ficção se misturam, criando um novo mundo.

Durante a contação de histórias a criança exercita a fantasia e a imaginação, também adquire uma intimidade com a leitura e através desta pode perceber a importância de uma escrita mais coerente e coesa. Por isso, as histórias têm uma determinante função no desenvolvimento do gosto pela leitura.

Segundo Malba Tahan (1966, p.24) “até os nossos dias, todos os povos civilizados ou não, tem usado a história como veículo de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições, ou da difusão de ideias novas”. As histórias são a forma de reviver fatos passados e assim recordar saudosamente de sua cultura e de seus antepassados, além de trazer para os mais novos os costumes e tradições de seu povo. Recontar essas histórias é manter viva suas origens.

Constantemente, deparamo-nos com situações relacionadas a organizar atividades rotineiras. Pensar o dia a dia é planejar a nossa ação para atingir o que almejamos. Na educação também é necessário um bom planejamento. Planejar uma atividade pedagógica com o objetivo de incentivar a leitura tem um papel fundamental no processo educativo.

Como relatamos acima, é muito importante planejar. E para contar histórias o planejamento é fundamental. Começamos a planejar a partir da escolha da história, selecionamos o texto ou livro de acordo com a faixa etária dos alunos, e no momento que vamos iniciar nosso trabalho de mediação devemos considerar as possibilidades de como podemos apresentar a livro, ler o nome do autor, falar sobre a capa, observando cores, formas e palavras, incentivando-os a perceberem a capa e todas as informações e dados presentes nela. Em seguida, provocar os alunos através do título, questionando-os sobre o tipo de história, o gênero, os personagens que estarão presentes na narrativa.

Planejar a contação e a leitura de histórias requer também a organização do ambiente, do material e do tempo, se iremos fazer a contação dentro da sala de aula ou em outro espaço como na biblioteca, no pátio ou embaixo de uma árvore. De acordo com Fonseca (2012, p.99):

As crianças constroem conhecimento por meio das interações. Ao organizarmos os ambientes temos de pensar não apenas nos espaços físicos, mas também nas interações que eles promovem com os materiais e outras crianças, e professor. O que se pretende é que promovam às crianças interações, segurança e autonomia.

A partir da organização do espaço a criança começa a expandir seu conhecimento através da interação com os colegas, com o material, com a troca de saberes, todos podem se comunicar, seja com palavras ou mesmo com a troca de olhares. Por isso, a organização do espaço é muito importante para a contação de histórias. O ideal é organizar uma roda de leitura porque com essa organização todas as crianças podem visualizar o professor, os colegas e o livro. Por isso, a roda de leitura pode ser utilizada com crianças ou adultos. Quando estamos na roda todos possam se observar simultaneamente podemos construir um

novo elo, uma nova interpretação do outro, criando um clima acolhedor onde todos possam ficar bem próximos. Ao destacar a importância do espaço na escola Fonseca (2012, p. 107) afirma que

Quando uma instituição possui uma sala de leitura ou biblioteca, ela pode se considerar privilegiada, se levarmos em conta que estes espaços são importantíssimos para a contribuição do fluxo de conhecimento dentro do universo educativo.

Embora saibamos que o espaço da biblioteca e da sala de leitura são fundamentais para a realização da leitura e da contação de histórias a realidade de muitas escolas é outra. Muitas vezes, o professor quer trabalhar de forma lúdica, mas a escola não oferece, meios para que possa ter contato com os livros, organize o espaço adequado. Nesse sentido, é importante que a escola valorize o momento da contação de histórias, incentivando que os professores organizem o espaço da sala de aula, transformando-o em um local encantador, para que a mediação da leitura aconteça de forma viva e lúdica. Para isso, pode-se utilizar livros, fantoches, objetos e diferentes performances de modo a transformar o momento da contação em um momento de encantamento. Assim, cada detalhe, cada cuidado do professor faz toda a diferença. Como por exemplo um cantinho lá no final da sala com um tapete e almofadas para o momento da leitura, onde as crianças podem ficar a vontade, seja deitadas ou sentadas no chão, da forma que melhor se sentir acomodada para ouvir e viajar na contação da história. Uma música cantada para iniciar a viagem da leitura, a voz do professor causando surpresa, medo e curiosidade... tudo é importante na hora mágica da história. E o professor mediador é o grande maestro desse momento lúdico com a palavra.

Nesse sentido, o professor poderá organizar a roda de leitura de acordo com os espaços que dispõe, tanto dentro quanto fora da sala de aula.

Para Fonseca (2012, p. 107)

do mesmo modo que os cantos de leitura nas salas de aula, as salas de leitura ou bibliotecas podem ter um canto aconchegante com tapetes, almofadas, esteiras, mas também podem ter poltronas, bancos ou pequenas banquetas, algumas cadeiras e mesas para apoiar os livros, boa iluminação e ventilação, facilidade para acessar o acervo e diversidade de títulos. Esses espaços precisam ser um convite à leitura, um convite para que a pessoa entre e, por algum motivo, queira voltar.

Essas diferentes formas de organização dos espaços para contação de histórias dependem do interesse e da criatividade do professor. Cada professor, pode criar, improvisar e usar a criatividade para organizar os espaços, explorando-os da melhor forma possível.

Ao planejar a contação de histórias também devemos levar em conta um aspecto muito importante a criança, seus interesses e necessidades. Para tanto, de acordo com Fonseca (2012, p. 139), é necessário refletir sobre os ouvintes.

[...] quando vamos contar uma história temos que nos perguntar para que queremos narrar. Para divertir, para colher, para ampliar o repertório das histórias, para homenagear etc. Para quem? Para amigos, para crianças, para alunos, para pais... Em quais situações? Num encontro informal, num orfanato, na sala de aula, num evento cultural? Isso nos ajudará a definir o modo de nos preparar para como iremos contar essas histórias.

Para narrar uma história precisamos planejar a finalidade da história, quem serão público alvo? De que forma essa história atingirá o público? Que material posso utilizar para ilustrar essa história? Também é primordial escolhermos se iremos ler ou contar a história.

Quando lemos ou contamos uma história, precisamos estar atentos a função de cada forma de contar, pois cada uma tem uma função específica. Ao ler a história em um livro, o professor poderá preservar o texto exatamente da forma como está escrito, deixando a criança perceber os movimentos dos olhos nas páginas, ou seja, que ele lê as palavras escritas no texto. Nessa leitura a criança também percebe que o professor não está inventando nenhuma parte, que a história não saiu da sua cabeça e que todas aquelas letras formam palavras que fazem sentido na narrativa. Esse tipo de leitura é muito importante para as crianças, pois incentiva a valorização da escrita e o interesse por descobrir as letras e palavras. Além disso, a narrativa que se apoia no livro fornece às crianças um conjunto de elementos para realizar a leitura, os gestos e posturas para se ler.

Nessa dimensão, as crianças aprendem que podem ler de formas diferentes, como em voz alta, encenando a voz de algum personagem, aprendem como se folheia um livro e, principalmente o contato com um texto escrito. Quando contamos uma história chamamos a atenção das crianças para vários aspectos: linguísticos, estéticos e literários. De acordo com Sisto (2001)

O vínculo que se estabelece entre contador e ouvinte é enormemente frágil e precisa ser renovado o tempo todo! Renovar para manter. Isso tem que estar previsto no texto (ainda que oral), mas tem que estar também incluído na forma de contar. É o estranhamento que uma palavra ou um gesto podem provocar. É o rumo inesperado que as ações da história podem tomar. É a surpresa de uma forma de falar e olhar. É o sobressalto que tudo isso pode causar. Ou simplesmente, o efeito que a companhia pode instaurar: contador e ouvinte lado a lado no caminho da história. A visita guiada que fazem à história é certamente inesquecível! E provar de tudo isso, de forma harmônica, é muito bom!

As crianças observam as ações do narrador, como gesticulação, as expressões faciais, além de que com a narrativa oral permite que incentivemos a curiosidade de pegar o livro do qual a história foi retirada para através de gravuras reencontrar momentos que ficaram marcados para ela.

No entanto, temos que observar as diferentes formas e objetivos de contar histórias, com ou sem o livro. Para Cavalcanti (2004) as escolhas dessas formas indicam os objetivos que pretendemos alcançar com as crianças. Vejamos abaixo um quadro que nos mostra o comportamento do professor/contador em cada uma das situações.

**Quadro 1-** Passos básicos para contar história com e sem livro

| CONTAR HISTÓRIAS COM O LIVRO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | CONTAR HISTÓRIAS SEM O LIVRO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conhecer o texto com profundidade</li> <li>2. Sensibilizar o grupo para o momento da escuta</li> <li>3. Criar “ambiência”, convidando para entrar no mundo do “faz de conta”</li> <li>4. Depois de estabelecida a confiança e intimidade, iniciar a contação</li> <li>5. A história não é pretexto, ela é o texto</li> <li>6. O livro deve ser apresentado ao grupo. Dizer o título, autor; editora. Mostrar a capa</li> <li>7. Segurar o livro aberto, sobre as mãos, com cuidado e carinho, denotando respeito (relação com o universo sagrado da palavra)</li> <li>8. Ler; pausadamente, mas demonstrando intimidade com o texto e entusiasmo com a leitura</li> <li>9. Pontuar corretamente, prestando atenção no tom, ritmo e volume</li> <li>10. Evitar gestos e expressões faciais exagerados, como recurso de narração. Pois, quando se lê a história, a carga de tensão deve estar contida na própria relação das palavras, frases</li> <li>11. A voz deve ser bem impostada, mas nunca “dramatizada” com exageros</li> <li>12. A cada página virada, deve-se mostrar aos ouvintes as imagens (ilustrações/desenhos/palavras)</li> <li>13. Relacionar o dito oral com o dito escrito</li> <li>14. Durante a leitura, procurar não interromper a narrativa</li> <li>15. Ler com entusiasmo e atenção, mas não esquecer que a leitura está sendo realizada para outros, portanto é necessário que, entre um parágrafo e outro, o contador dirija seu olhar para o grupo, perceba o movimento, o nível de tensão, e atenção. Que seja um momento compartilhado</li> <li>16. Ficar sensível às reações dos ouvintes. No final, fechar o livro com respeito e permitir que os</li> </ol> | <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conhecer o texto com profundidade</li> <li>2. Sensibilizar o grupo para o momento da escuta</li> <li>3. Criar “ambiência”, convidando para entrar no “mundo do faz de conta”</li> <li>4. Depois de estabelecida a confiança e intimidade, iniciar a contação</li> <li>5. A história nunca é pretexto, é o texto</li> <li>6. A voz deve ser bem impostada</li> <li>7. Procurar teatralizar por meio da voz (ritmo, timbre, pausas, sonoridade)</li> <li>8. Teatralizar por meio de movimentos (mãos, faces)</li> <li>9. Os movimentos devem ter intensidade, mas nunca impulsos exageradamente agressivos</li> <li>10. Usar a criatividade para dar “vida” às personagens. Ser absolutamente espontâneo</li> <li>11. Prestar atenção nas expressões dos ouvintes, criando sinergia com o grupo</li> <li>12. Ir adaptando a “interpretação do texto” de acordo com o que se percebe no grupo<br/>Exemplo: se, nas partes mais tensas da história, os ouvintes apresentarem expressões muito angustiadas, então o contador deve aliviar o nível de tensão, sem perder o nível de intensidade</li> <li>13. Não se perder no texto, “inventando” situações que não pertencem à história</li> <li>14. Agir com naturalidade e repassar emoção são fatores de sucesso no momento da contação</li> <li>15. O contador de histórias é alguém que deve ter capacidade de interpretação, como também de provocar o imaginário do ouvinte. É, portanto um “ator”. Alguém capaz de usar a <i>persona</i> sem perder o contato, o olhar, a ternura, o encanto próprio ao fabulador</li> <li>16. Ao final da narração utilizar-se da tradição popular que em geral conclui as narrativas, como: “Entrou por uma perna de pinto, saiu por uma</li> </ol> |

|                                                                                |                                                                                               |
|--------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------|
| ouvintes expressem seus sentimentos com relação aos diversos aspectos do texto | perna de pato, seu rei mandou dizer que você contasse quatro...” ou “na ladeira escorrega...” |
|--------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: Cavalcanti (2004, p. 73)

Porém independente de qual ação será realizada seja a narrativa com livro ou sem o livro, ambas podem incentivar a leitura, pois permitem a entrada das histórias no mundo das crianças e lhes possibilitam interpretações próprias.

Sabemos que o mundo é letrado, existe leitura em todos os lugares, seja uma bula de medicamento, nos avisos e propagandas nas paradas de ônibus, nas mercadorias de um supermercado, enfim é necessário ler. No entanto, além dessa leitura superficial é necessária uma leitura do mundo, das situações que nos acontecem no cotidiano. Para que essa leitura de mundo seja feita de forma crítica é preciso que desde pequenas as crianças sejam inseridas nesse contexto com uma diversidade de textos e gêneros.

Seja para tomar um ônibus, preparar uma receita, consultar a bula de um remédio, assinar um contrato ou defender uma tese de doutorado, ler nos oferece independência e autonomia. Os motivos para ler são muitos: prazer, necessidade, aprendizado, reflexão, para obter informação ou para realizar algo. Em todos esses casos, a pessoa que lê consegue realizar sua tarefa com mais qualidade. (FONSECA, 2012, p.16.)

Infelizmente sabemos que o acesso à leitura não é para todos, ainda encontramos muitas pessoas que não tem acesso a livros, muito menos a uma educação de qualidade. Sabemos ainda que algumas escolas não disponibilizam para professores e crianças os livros que recebem dos programas do governo, estes ficam nos armários esperando por um leitor.

Nessa dimensão entendemos que o professor para ser um bom mediador de leitura precisa se apropriar de conhecimentos relativos ao processo de desenvolvimento da leitura das crianças, bem como aguçar a sua sensibilidade para escolher os livros e textos para ler e ter o desejo de compartilhar as histórias de que gosta. Fonseca (2012, p. 34) compreende que

[...] aquele que se propõe a ler e apresentar a leitura pode não ser um especialista no assunto, mas se tiver conhecimento a respeito – por meio das muitas experiências e vivências leitoras – tiver curiosidade e estudar para ampliar seus saberes, poderá encantar outros e levá-los a conhecer melhor esse mundo.

Como já discutimos no decorrer desse trabalho a leitura precisa ser algo prazeroso seja a leitura deleite ou a leitura acompanhada de atividades. O professor/contador precisa familiarizar-se com a leitura para que o momento da contação seja único, pois cada professor tem um jeito de contar. Alguns utilizam mais a entonação da voz, explorando os diferentes

momentos da história; outros preferem as expressões faciais contextualizadas, que causam vários sentimentos nas crianças... É importante que cada pessoa escolha sua forma de contar e conte muitas e muitas histórias, de preferência aquelas de que gosta bastante. Porque quando contamos, lemos ou interpretamos um texto que gostamos levamos a alma, a emoção. Assim tem que ser o momento da contação de histórias, repleto de emoção e cumplicidade entre leitor/contador e ouvinte/leitor.

### **3 REFLETINDO SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA SALA DE AULA**

Nesta parte apresentamos a discussão dos dados da pesquisa referentes a entrevista com a professora/colaboradora e a observação das práticas de contação de histórias realizadas pela docente para a sua turma do primeiro ano do Ensino Fundamental. A discussão e análise dos dados apoiou-se em aspectos descritivos das práticas observadas tendo como suporte teórico os estudos sobre contação de histórias, leitura e a mediação da leitura sob diferentes perspectivas. Destacamos nessa discussão os seguintes autores/as: Abramovich (2001), Cavalcanti (2004), Bamberger (2008), Zilberman e Lajolo (2007) e Fonseca (2012).

#### **3.1 Contexto da Pesquisa: A escola**

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Antônio Santos Coelho Neto”, que funciona nos turnos manhã, tarde e noite. No turno da manhã funciona o Ensino Fundamental II; no turno da tarde o Ensino Fundamental I, e em anexo, também, atende a creche; no período da noite funciona a Educação de Jovens e Adultos – EJA. Embora a instituição esteja localizada em um bairro da cidade, a escola é considerada do campo, pois possui um alunado de crianças oriundas do campo. A constatação dessa característica da escola influenciou a escolha da instituição como campo de pesquisa.

A escola já trabalha há muitos anos com a inclusão da contação de histórias, inclusive para o turno da manhã com o fundamental II, eles já se familiarizaram com as leituras que até gráficos da quantidade de livros emprestados na biblioteca, durante o ano foi apresentado na feira de ciências.

A escola também já está se preparando para o mês de novembro onde acontecerá uma tarde inteira de contação de histórias sobre a consciência negra. A escola já participou de projetos com o Ali Gibi, no qual bolsistas da UFPB, faziam o trabalho de contação de histórias em diferentes locais, dentro da escola, no pátio, ou fora da escola em baixo de árvores, a contação envolvia de uma forma tão intensa que quando as contações eram realizadas no pátio da escola envolvia todo o alunado cerca de 300 crianças e no momento da contação todos ficavam em silêncio, com a atenção voltada exclusivamente para a história. Grupos de teatro profissional também já foram apresentar peças dentro da escola para todos os alunos, no ginásio.

A escola também oferece momentos de contação em lugares fora da escola, como por exemplo, no centro de convenções. Para isso, a diretora solicita o ônibus da prefeitura e leva



os alunos divididos por etapa e turmas. O projeto de leitura e contação de histórias influenciam de forma positiva a escola. Além disso, a escola promove outras atividades como: palestras, teatro e oficinas de turbante, que objetivam trabalhar a identidade dos/as estudantes da escola.

A escola possui uma biblioteca que, por sua vez é muito acolhedora também. As funcionárias responsáveis catalogam todos os livros, guardam fantoches para as contações que acontecem lá. A biblioteca é toda preparada para um momento mágico. Tem um cantinho da leitura que foi feito um espaço com almofadas para que as crianças fiquem a vontade, durante a leitura. Além disso, confeccionaram em um canto da sala um cenário para a representação da história, com um palco e panos pretos. Nesse espaço as crianças recontam e dramatizam as histórias.

Os livros são muito valorizados, a escola recebe livros de doação e as funcionárias separam eles por faixa etária e quando os livros não condiz com os alunos, a escola também faz doações, também é feito um trabalho de restauração com os livros, porque como as crianças podem leva-los pra casa, as vezes não tem os cuidados necessários e o livro volta rasgado, riscado ou sujo de comida, quando acontece essas coisas as funcionárias começam a restaura-los antes de coloca-los de volta nas prateleiras.

A biblioteca também tem o cantinho dos livros sugeridos para serem lidos durante a semana e o cantinho do cordel, no qual os cordéis são pendurados em um varal a disposição das crianças, a biblioteca é muito organizada, e como as crianças já tem esse espaço como lazer eles não desorganizam, pelo contrário se alguma criança entrar comendo na biblioteca os outros já avisavam que não pode, que é pra terminar o lanche lá fora e depois que entra. A biblioteca também está construindo um novo projeto que será “A maleta itinerante”. Nesse projeto, as pessoas que trabalham na biblioteca vão visitar uma sala por dia com uma mala customizada com adereços de histórias diferentes, tornando a contação ainda mais envolvente.

Na biblioteca, os livros também são separados nas estantes com caixas plásticas que as próprias funcionárias compraram, porque as estantes por serem de ferro com o tempo elas vão cedendo e danificando os livros que eram separados em caixas confeccionadas de papelão. Nessas caixas plásticas, os livros não rasgam, nem pegam ferrugem das estantes.

Observação: Não foi possível registrar fotos da biblioteca porque nas primeiras visitas estava sem o celular e na semana seguinte a biblioteca entrou em reforma então cobriram todos os livros com TNT, para não ficarem cheios de poeira.

### 3.2. A sala de aula

A sala de aula da turma do 1º Ano B, tem 23 alunos, sendo 13 meninas e 10 meninos. É uma sala muito acolhedora com brinquedos, instrumentos musicais, baú com objetos os quais a professora utiliza quando necessário para fazer as contações e o cantinho da leitura com alguns livros dentro de um cesto e um painel com as leituras indicadas para a semana.

**Figura 1- Sala de aula**



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Na sala de aula tem painéis e cartazes com os nomes dos alunos, textos para leitura e a chamadinha. Há um cuidado com a elaboração desses materiais que ficam afixado na sala. Pudemos perceber que são coloridos e facilitam a interação da criança, pois se encontram na sua altura, permitindo que eles manipulem, inserindo ou trocando fichas e participando efetivamente das ações que envolvem esses materiais.

**Figura 2- Painel de leitura**

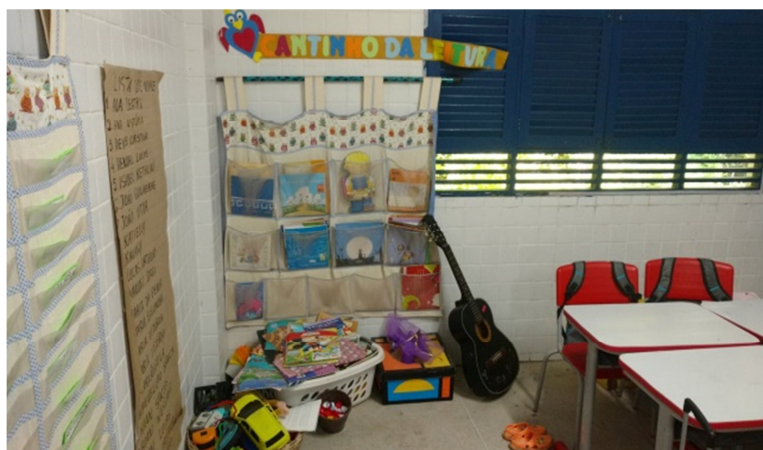


Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Podemos observar outro painel chamado “Cantinho da Leitura”. Nesse painel de tecido com bolsos a professora coloca os livros de literatura infantil que ficam disponíveis para as crianças lerem quando desejarem. Além do painel, podemos ver instrumento musical, baús, caixas com brinquedos etc. Para as contações de história a professora utiliza esse espaço, afastando as mesas e fazendo uma roda com as crianças.

As contações de história, na maioria das vezes, acontecem como forma de deleite, mas como eles estão no processo de letramento a professora está inserindo atividades que ajudam no processo de alfabetização.

**Figura 3- Cantinho da leitura**



**Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora**

### **3.3 Instrumentos da Pesquisa**

Após a definição do tipo de pesquisa optamos pela realização dos seguintes procedimentos: a entrevista semiestruturada e a observação. De acordo com Gil (1999), a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas em trabalhos científicos. Esta técnica é bastante adequada para a obtenção de informações, pois os entrevistados da pesquisa são as pessoas que vivenciam aquela determinada realidade que está sendo pesquisada e podem trazer dados preciosos sobre os fatos.

Para Laville & Dionne (1999), na entrevista semiestruturada pode ser feita “[...] uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista”, buscando coletar dados de forma mais informal e mais específica para necessidade de cada entrevistado.

Em relação à organização desse procedimento Triviños (2008), orienta que a entrevista semiestruturada deve partir de questionamentos básicos, suportados em teorias que interessam à pesquisa, podendo surgir hipóteses novas conforme as respostas dos entrevistados.

A entrevista foi realizada com a professora/colaboradora e foi organizada em duas partes: na primeira, buscou-se conhecer a formação e as experiências profissionais da docente; na segunda parte, investigou-se as concepções e práticas do tema central da pesquisa, a contação de histórias.

### **3.3.1 A entrevista**

As questões da entrevista foram elaboradas pela pesquisadora, com perguntas que tiveram como foco a formação profissional e, também, o tema central da pesquisa: a contação de histórias. Embora as questões tenham sido estruturadas, a conversa com a professora/colaboradora possibilitou o acréscimo de algumas questões que naquele momento permitiu o maior aprofundamento do tema. A entrevista foi realizada no dia 11 de março de 2020.

A professora/colaboradora é mestra em educação, concluiu a graduação em 1993, na Universidade Federal da Paraíba, anos depois cursou mestrado em educação. Informou que é professora há 21 anos e atua nesta escola desde 2015, mas no primeiro ano do Ensino Fundamental, há dois anos.

Em relação ao tema central da pesquisa foram feitas as seguintes questões: **1.** Você conta histórias para as crianças na sua turma?

A professora/colaboradora respondeu:

**R:** Posso afirmar que conto histórias para as crianças quase que diariamente.

Ao observar podemos perceber que a contação de história se tornou uma atividade rotineira para as crianças, estimulando a imaginação e o processo de aprendizagem. Como podemos observar, a professora desenvolveu nas crianças o hábito da leitura e contação de histórias, devido ao trabalho rotineiro que realiza com a contação de história. As atitudes das crianças já demonstram que estão acostumadas à rotina de ouvir histórias. Pude observar que quando a professora pede que as crianças organizem uma roda, elas sabem que vai ser contada uma história e ficam curiosas, na expectativa sobre o tipo de histórias que ouvirão. Ficam também admiradas, quando no meio da sala surgem adereços como tecido, instrumentos

musicais, bonecos etc. Os olhos ficam fixados nos instrumentos ansiosos para que comece logo a contação.

Continuando a entrevista, perguntamos à professora colaboradora: **2.** Você acha importante a contação de histórias? Por quê?

**R.** Considero primordial contar histórias para as crianças, pois essa ação contribui para o desenvolvimento da linguagem, as crianças se socializam, expressam seus pensamentos, ampliam o vocabulário, aprendem a ouvir e também aprendem a respeitar o turno de fala.

Segundo a professora, as histórias são importantes porque através delas as crianças ficam mais comunicativas, conseguem desenvolver ideias, por sentirem-se conquistados pela envolvente forma de contar. No momento que estão ouvindo as histórias, elas esquecem o mundo lá fora e viajam pelo mundo sem saírem dos muros da escola. No decorrer da história levantam hipótese do que possivelmente aconteceria, misturam partes contadas com experiências vivenciadas e depois da contação fazem um reconto rico de detalhes, trazendo elementos da história que ouviram e articulando com suas experiências.

Para que as crianças que faltaram também possam ter acesso a história que foi contada, a professora, também incentiva o reconto da narrativa apresentada no dia anterior. Nesses momentos, são explorada a linguagem oral e a organização da história, fazendo com que todas as crianças participem, expressando o que compreenderam da narrativa contada.

Podemos observar que muitos aspectos e habilidades são estimulados e desenvolvidos nas crianças durante as narrativas. Isto porque a contação de história estimula o desenvolvimento da escrita e da oralidade, incentiva a criatividade e o respeito pelo outro. Além disso, ao ouvir a história a criança, muitas vezes, associa os fatos ouvidos com a sua vida, aspecto que pode colaborar para compreensão de problemas emocionais e afetivos.

Dando prosseguimento a entrevista com a professora colaboradora, perguntamos: **3.** Quantas vezes na semana? Em qual horário?

**R.** Quase diariamente eu conto histórias e prefiro contar no início da aula.

Conforme conversamos, as leituras e contações de histórias são feitas no primeiro horário devido a maior capacidade de atenção das crianças, nesse momento. Esse horário é preferido pela professora porque, quando elas voltam do intervalo estão muito agitadas e passam uma boa parte do tempo fazendo exercício de relaxamento e ao terminarem essa atividade o tempo para explorar a contação fica muito reduzido.

A escolha do horário pela professora demonstra o quanto ela valoriza a contação, pois no primeiro horário as crianças estão menos agitadas e dessa forma compreendem a história, sendo capazes de ouvir os detalhes e memorizá-los e, por isso tendem a recontá-la, com riqueza de detalhes. As contações são incluídas quase que diariamente como uma prática educativa, não como troca ou castigo, mas como uma atividade essencial para o desenvolvimento das crianças.

Conforme Afonso e Silveira (2012, p.8) afirmam:

Muitos professores contam histórias para as crianças, mas ainda fazem isso uma vez por semana, não apresentando uma sistematização dessa atividade. Contar histórias é fundamental para a criança, pois contribui com vários aspectos do desenvolvimento infantil. Por isso deve ser encarado como uma atividade que precisa ser planejada, tendo uma regularidade em sua realização. Para tanto, sugere-se que os educadores planejem atividades de leitura e contação de histórias, diariamente para as crianças. Para isso deve escolher o momento adequado para essa atividade. A escolha do tempo tem relação com a importância que cada educador dá a essa atividade.

A afirmativa das autoras mostra a necessidade de planejamento dos momentos de contação de história e da manutenção de uma rotina envolvendo essa atividade. Podemos observar que a professora atua da forma indicada acima e consegue estabelecer uma rotina para esses momentos, criando, dessa forma, um comportamento de ouvinte/leitor nas crianças.

Após as reflexões feitas pela docente, perguntamos a professora colaboradora: **4.** Com que objetivo você conta histórias?

**R.** Conto histórias para encantar as crianças, como deleite e também como pré-texto.

Segundo a professora as histórias são contadas quase que diariamente como deleite, para encantar as crianças. Porém, também é trabalhada como pretexto para ensinar, para que as crianças observem a relação da narrativa com a escrita, percebendo a escrita como uma representação estável, com elementos gráficos que precisam ser reconhecidos e apropriados por elas. Às vezes, a professora aproveita o título ou o nome do personagem da história para explorar letras iniciais, a contagem das letras e sílabas, os sons das sílabas e a quantidade contida em cada palavra, assim como as letras que estão presentes em seu nome e no nome dos personagens.

Em seguida foi indagado a professora: **5.** Que tipo de material você utiliza nesse momento?

**R.** Faço a leitura do livro, utilizo avental, dramatizo/conto, utilizo fantoches, objetos relacionados à história.

Para a professora, a contação de histórias deve atrair a criança, por isso deve ser lúdica, com elementos que possibilitem a imaginação e a fantasia. Por isso nas contações que presenciamos pudemos observar que ela sempre traz um adereço, seja chapéu, roupas com características da personagem, instrumentos musicais para causar suspense no decorrer da história, bonecos criados com papel, tecidos para montar o cenário entre outros. Os elementos que utiliza, geralmente são retirados de um baú que está em sua sala de aula, contendo adereços que servem para contação de histórias. Além disso, a professora é muito criativa e com um simples pedaço de tecido, improvisa um cenário e convida as crianças a darem asas à imaginação.

Posteriormente, perguntamos a professora colaboradora: **6.** Você gosta de contar histórias a partir de livros infantis?

**R.** Sim, acho importante o livro, pois é uma oportunidade de apresentar as marcas textuais, as ilustrações. Através do livro você pode também criar a expectativa do que pode acontecer, entre outras coisas.

É muito importante o uso do livro, principalmente no mundo globalizado e informatizado que estamos vivendo, pois os livros estão se tornando escassos, por isso a inclusão das leituras com livros desde os anos iniciais. O livro mostra à criança que a narrativa está sendo feita a partir de texto escrito. Tal fato incentiva as crianças a descobrirem as letras, sílabas e palavras para também conseguirem ler. Por isso, a leitura de histórias a partir dos livros de literatura infantil torna-se necessária e imprescindível nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Continuamos a entrevista e fizemos a seguinte pergunta: **7.** Como você escolhe suas histórias para ler para as crianças?

**R.** Inicialmente eu as leio antes. Vejo se é interessante para a faixa etária, se tem algo/temática que necessito conversar com as crianças. Na verdade, eu me encanto em fazer as crianças avivar a imaginação.

Segundo a professora é muito importante a leitura do texto antes da contação para trazer uma história adequada, que seja que interesse a faixa etária e o gosto da criança. Ao ter esse cuidado na seleção das histórias, as crianças ficam mais atentas no decorrer da contação.

Percebemos que a professora se prepara para o momento da contação, demonstrando conhecer as histórias, utilizando-se de detalhes para encantar e dar um tom de mistério quando necessário. Esse comportamento da professora mostra que ela compreende que ao contar a história conhecendo previamente o texto ela pode valorizar todas ações e características dos personagens e atraindo ainda mais a tenção das crianças para a história. Além disso, a partir do momento que se conhece as histórias não corre riscos de pronunciar alguma palavra de forma errada, fazer pausas erradas ou desconcentrar-se ao ler, porque a criança vai perceber e dessa forma pode até perder o entusiasmo pela aquela história. Sobre esse tema Afonso e Silveira (2012, p.7) ressaltam que

[...] Ao selecionar as histórias a serem contadas para as crianças a educadora deve estar atenta aos interesses manifestados pelas crianças de diferentes modos: ao comentar e questionar aspectos da história, ao pedir para explicar determinada passagem ou simplesmente pedindo á educadora para contar novamente a história. Os interesses para cada idade devem ser levados em consideração pela educadora para a seleção dos textos e livros para serem contados. Contudo, é importante uma diversificação de gêneros e histórias para as crianças para que elas possam ter contato com uma diversidade de textos.

Após as reflexões feitas pela docente, perguntamos a professora colaboradora: **8.** Como é a participação das crianças nesse momento?

**R.** Geralmente as crianças gostam e interagem, ficam atentas, mas há algumas crianças que são difíceis de terem atenção, mas são poucas.

Conforme informa a professora a maioria das crianças se interessam e ficam atentas para ouvirem as histórias. A participação, o olhar, as expressões faciais, as interrupções tentando adivinhar o que vai acontecer na história e pela conversa que ocorre depois da contação, percebemos o quanto as histórias mechem com a imaginação e desenvolvimento das crianças. Mas, também sabemos que algumas crianças têm dificuldade de concentração e facilidade para dispersarem. Esse fato pode acontecer em toda a sala de aula.

Dando continuidade à pergunta anterior questionamos a professora: **9.** Após a contação o que você costuma fazer?

**R.** Se a contação acontecer de ser só para deleite, eu mostro ou informo quem é o autor, peço para elas dizerem se gostaram ou não, o que aprenderam, mas caso sirva como pré-texto, o trabalho é mais minucioso, trabalho o autor/a, ilustrador/a, título, peço para recontar e verifico se os fatos estão na ordem, trabalho palavras ou frases, personagens, cenário/ambiente.



Segundo a professora, é mais rotineira as contações de forma deleite, pois as crianças precisam estar familiarizadas com os livros, o momento de contação torna-se uma grande brincadeira. Mas a professora também relata que, às vezes, após a contação de história realiza atividades que envolvem o desenvolvimento linguístico das crianças, uma vez que estão em uma etapa que precisam aprender a ler e escrever, ou seja, estão no processo de alfabetização.

O discurso da professora demonstra uma prática pedagógica de letramento que parte de um gênero textual, de uma narrativa de história e vai se desenvolvendo por meio de atividades que ajudam a criança na aquisição e no desenvolvimento da linguagem por meio do reconto da história que possibilita o trabalho com a organização de ideias, a sequência da história, com o reconhecimento das letras, sílabas e palavras.

Ao realizar as observações podemos constatar a realização desse trabalho e procuramos descrevê-lo mais adiante. Ao concluir a entrevista com a professora/colaborador pudemos perceber que as afirmações da professora, descritas na entrevista, por meio de suas respostas coincidem com a ação. A professora demonstra muita dedicação e carinho ao seu trabalho, interage ludicamente envolvendo as crianças no momento, conseguindo atrair a atenção de quase todos.

### 3.3.2 A observação

Nessa pesquisa realizamos a observação das atividades realizadas pela professora durante quatro dias/aulas que tiveram as seguintes ações: duas contações de histórias; um reconto de história, um outro momento de contação e leitura de histórias da turma de primeiro ano. As observações foram realizadas nos meses de fevereiro e março de 2020.

Segue abaixo o quadro que sistematiza as observações das aulas, destacando data e horário, história contada e local.

**Quadro 2: Observação das Aulas**

| DATA E HORÁRIO                | HISTÓRIA CONTADA                          | LOCAL:<br>E.M.E.F Antonio Carlos |
|-------------------------------|-------------------------------------------|----------------------------------|
| 02/03/20<br>13:30h. às 15:15h | Tatê Calanquê Catacan<br>Quixilá Calanquê | Sala de aula                     |
| 03/03/20<br>13:30h. às 15:15h | O Lenço                                   | Sala de aula                     |
| 06/03/20<br>13:30h. às 15:15h | Carolina Maria de Jesus                   | Sala de aula                     |

|                               |                        |              |
|-------------------------------|------------------------|--------------|
| 09/03/20<br>13:30h. às 15:15h | Observação de uma aula | Sala de aula |
|-------------------------------|------------------------|--------------|

A primeira observação no dia 02-03-20 foi realizada na sala de aula, a história contada nesse dia foi “Tatê Calanquê Catacan Quixilá Calanquê” de Bia Bedran. A narrativa foi realizada sem o livro porque era uma história musicada.

**Figura 4. História Bia Bedran**



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

No meio da sala a professora estendeu um tecido colorido e, em cima dele, colocou um anjo feito de papel, um tridente confeccionado com EVA e alguns instrumentos musicais. O anjo e o tridente representavam os personagens da história.

Depois pediu para as crianças sentarem no chão em forma de roda, de modo que os objetos ficassem no meio a disposição de todos, do canto direito da sala de uma caixa de objetos ela retira um chapéu e inicia a contação com ele na cabeça, a medida que a professora vai contando a história vai pegando os objetos e passeando entre as crianças .

Observamos que durante a contação a professora mudava o tom da voz de acordo com a história, enquanto ela passeava na sala as crianças acompanhavam com o olhar, curiosos em saber o que aconteceria no decorrer da história.

Ao terminar a contação, a professora indagou as crianças sobre a história com as seguintes perguntas: Do que a história fala? Quem são os personagens da história? O que a mãe do menino pediu para que ele fizesse? A mãe do menino disse que ele encontraria o que na estrada? Enquanto ele andava na estrada com que animais ele brincava? E qual era o barulho que ele ouvia? O que ele fez quando encontrou o anjo? O que o anjo o perguntou pra ele? E o que ele fez quando o capeta apareceu? De que forma o Capeta falou com ele? Qual

era o nome que o capeta deu pra ele? Quem apareceu novamente no final da estrada de volta para casa? O que ele fez quando chegou em casa? O que a mãe dele disse quando ele falou qual seria o seu nome? O que a mãe dele resolveu fazer para comemorar o nome do filho? Eles vão respondendo e começam a recontar a história e interagir com os instrumentos, após eles recontarem, a professora coloca a história musicada e as crianças são motivadas a cantar, quando eles aprenderam a música dividiram a sala em dois grupos e foi feito um coral.

Foi apresentada uma atividade sobre a história, sendo trabalhada a letra inicial dos nomes dos personagens, contagem das letras dos nomes, e em uma atividade feita em folha eles foram colocando o título da história, o nome dos personagens e um desenho que representasse cada personagem.

Geralmente, a contação acontece mais de forma deleite, porém como eles estão com dificuldades em reconhecer as letras, ela resolveu inserir em algumas contações atividades de português.

A segunda observação no dia 03-03-20 foi realizada na sala de aula, a história contada nesse dia foi “O Lenço” de Patrícia Auerbach. A história foi contada com o livro, sendo apresentado em data show, pois o livro era de imagens e esse recurso facilitava a leitura pelas crianças.

**Figura 5. Livro “O lenço”**



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Em forma de roda as crianças sentaram no chão e de dentro de uma caixa a professora retirou um tecido florido, e enrolou no pescoço, e começou a perguntar as crianças com o que parecia aquele tecido enrolado no pescoço, elas começaram a responder que poderia ser um cachecol, depois a professora colocou na cabeça e mais uma vez as crianças tentavam

adivinhar, depois cada criança pegava no tecido e tentava criar um objeto com aquele tecido, assim surgia vários objetos.

Após esse momento ela apresentou o livro no retroprojektor, as crianças assentaram em fila na frente do quadro de forma que todas pudessem ver as imagens e à medida que as imagens passavam a professora perguntava qual era o objeto que a criança havia criado com o lenço.

Quando todos observaram as imagens, ela pediu que sentassem novamente em forma de roda colocou o tecido no meio e pediu para que cada um fosse no meio da roda, pegasse o lenço e criasse um objeto, mas ficasse em silêncio para que os colegas adivinhassem qual seria o objeto, toda sala participou da atividade e todos tinham que criar um objeto diferente.

Surgiram diversos objetos, como por exemplo: saia, vestido, capa de super homem, top, toalha, cama, véu de noiva, sinto, entre outros e no final a professora enrolou o tecido colocou e no meio das pernas e saiu a galopar, as crianças sorridentes e empolgadas saíram atrás da professora como se todos estivessem montados em cavalos a galopar pela floresta.

A professora chama atenção das crianças com a voz baixa e sempre pergunta: quem está ouvindo a tia, bate uma palma. Quem está ouvindo a tia, bate duas palmas. Aos poucos todas vão acompanhando o comando da professora.

Reconto da história “Vitória”. Ao começar a contar a história a professora vai fazendo perguntas, incentivando as crianças a contarem. Iniciou com as seguintes perguntas: Contamos a história de quem? O que aconteceu com essa menina? Quando ela era bem pequeninha, morava na cidade de Minas Gerais e o que ela fazia? Eles respondiam. Ela estudava. E a professora continuava. Mas, ela estudou até que ano? Eles respondiam: segundo ano. E quando ela aprendeu a ler o que ela fazia? Eles respondiam ela lia tudo o que tinha letra.

O que ela disse a mãe quando chegou em casa? Disse a mãe que já sabia ler. O que ela procurou? Um livro, mas não tinha nenhum. O que a vizinha fez? Quando soube que ela não tinha livro deu um para ela. Mas ela era que cor? Preta. E o que aconteceu por ela ser preta? Todos disseram que ela era bruxa porque sabia ler. O que aconteceu com ela? A mãe dela ficou muito triste com o que as pessoas falavam e mandou ela para a cidade de São Paulo. Quando ela chegou em São Paulo, ela tinha uma casa para morar? Não, ela foi morar na rua e começou a catar lixo e pedir comida, e sempre que encontrava cadernos no lixo, guardava as folhas brancas para poder escrever e trazia para casa cadernos e livros velhos.

Quando ela cresceu o que aconteceu? Ela construiu um barraco e teve três filhos. Quando uma filha pedia sapatos novos ela procurava no lixo pra trazer. E as pessoas davam

comida nova a ela? Não. Uma mulher deu um rato embrulhado. Quando ela chegou em casa que foi comer com os filhos pensando que era uma comida deliciosa, na verdade encontrou um rato podre. E depois, o que ela fez? Ela saiu e foi procurar comida no lixo porque os filhos dela estavam com fome.

O que aconteceu na comunidade onde Carolina morava? Um repórter foi fazer uma reportagem e as pessoas falaram sobre Carolina que ela escrevia sobre a vida de todos os vizinhos. Sabem o que aconteceu? O repórter transformou os cadernos dela em um livro. Ai ela ganhou muito dinheiro comprou sapatos pra filha dela e uma casa bem bonita.

Pela descrição que fizemos desse momento tão importante do reconto podemos perceber que eles respondiam no maior entusiasmo, atropelavam a fala do outro e a educadora sempre pedindo calma e dando a oportunidade para cada um contar o pouco.

Quando terminaram de contar ela faz outras perguntas. Carolina Maria de Jesus é uma pessoa que devemos admirar? A história dela é bonita ou feia?

Após essa roda de conversa a educadora pediu que eles desenhasssem o que mais chamou a atenção na história. Os desenhos foram maravilhosos. Registraram a casa nova da escritora Carolina, os sapatos da filha, o barraco e ela catando lixo empurrando o carrinho. Esses desenhos serão expostos no mural que a escola vai confeccionar sobre o dia da mulher. A atividade de casa foi uma entrevista com uma mulher que a criança admira, eles fizeram entrevista com mãe, irmã, tia, avó e até com a professora. O trabalho realizado a partir da biografia de Carolina Maria de Jesus (mulher, escritora, negra e pobre), evidencia que a escola enfatiza a identidade dos alunos, a sua cultura e seu ambiente

**Figura 6 – História Carolina Maria de Jesus**



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Além dos momentos de contação de história tivemos a oportunidade de observar a prática pedagógica da professora que é lúdica e promove o desenvolvimento do gosto pela leitura nas crianças. Vejamos a seguir.

Quarta observação. Neste dia a professora não realizou a contação de histórias, mas a sua prática educativa possibilitou a linguagem oral das crianças, permitindo que elas expressassem com desenvoltura as atividades propostas pela educadora.

A aula inicia com uma dinâmica de boa tarde. Enquanto toca uma música as crianças agachadas com as mãos nos tornozelos, encostam o bumbum com bumbum, e com as mãos dentro das pernas cumprimentam-se. Eles gostam muito, riem bastante desta atividade e o momento se tornou uma festa. Nesse momento, eles tinham que cumprimentar a todos os colegas.

Depois a educadora colocou uma música de incentivo a coordenação motora, na qual a criança não podia andar pra frente, só podia seguir a instrução da música, que dizia que era pra andar para os lados, pegar nas mãos, andar pra trás, andar tocando os tornozelos, andar bem devagar, andar de pinta de pé, galopar, pular, dançar, só não podia andar pra frente. As crianças se envolveram de forma contagiante, quando chega o momento de parar a professora fala com a voz bem baixinha e eles começam a parar aos poucos para poder escutar.

Após as dinâmicas de acolhimento, a professora propôs uma atividade de reconhecimento dos nomes, as crianças sentaram no chão em forma de roda, e no meio da roda a professora coloca o nome de todos os alunos que retirou da chamadinha exposta na parede da sala, enquanto elas cantam uma música, a professora toca na cabeça da criança, todos os colegas pronunciam o nome da criança que a professora tocou e ela sai a procura de seu nome, quando encontra, a professora pergunta qual é a primeira letra do nome e todos tentam responder, das 15 crianças que foram a aula nesse dia apenas três não sabiam reconhecer seus nomes, inclusive uma dessas é especial, a escola está esperando o diagnóstico específico dessa criança.

Para encerrar esse primeiro horário de aula a professora fez uma atividade relacionada ao tamanho e a diferença dos objetos, observando os objetos olhando de frente, de trás e de cima. Para realizar a atividade a professora colocou cinco objetos de diferentes formas enfileirados no meio da sala, chamou cada grupo de crianças por vez para observar os objetos que estavam no chão, as crianças deitavam na frente dos objetos olhavam, olhavam a parte de trás e depois ficavam em pé para ver de cima. Cada grupo tinha a tarefa de observar uma posição diferente, cada grupo tinha que desenhar o que estava vendo de frente, atrás ou de cima.

A turma tinha uma boa interação, todos se dispuseram a fazer a atividade, apenas uma criança não fez porque estava doente.

Depois do intervalo as crianças participam de um momento de relaxamento dentro da sala de aula, a professora coloca uma música suave, e as crianças sentadas em uma roda começam a fazer exercícios respiratórios para acalmar, inspirando e respirando, como ela diz cheira a flor, apaga a vela, até controlarem a euforia do intervalo.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse trabalho nos proporcionou entender a importância da contação de história no processo de ensino aprendizagem como, também despertou a compreensão sobre a necessidade de se aplicar cada vez mais práticas lúdicas de leitura e contação de histórias nas escolas, sejam elas da rede pública ou privada, visto que as narrativas de histórias incentivam as crianças a desenvolverem a personalidade, assim como fortalecem os vínculos sociais, educativos e afetivos.

Na instituição em que realizamos esse trabalho de pesquisa podemos perceber que existe uma valorização da contação de histórias, pois há a compreensão de que essa atividade ajuda a desenvolver várias habilidades e competências nas crianças, como a linguagem oral, a leitura e a escrita.

Pudemos perceber que toda a escola se envolve com a prática de contação de histórias, tornando-a uma programação da instituição, durante todo o ano, tanto dentro do espaço escolar quanto fora dele. São apresentações de teatro, contações no pátio da escola, visitas a centro de convenções para assistir contações, teatros, etc. Pudemos observar que a leitura e a contação de histórias estão presentes no currículo da escola e são oferecidas aos alunos, proporcionando o acesso dos estudantes a esses momentos rotineiramente, proporcionando o desenvolvimento da aprendizagem e o encantamento pela leitura e a literatura.

As questões que nos levaram a desenvolver essa pesquisa sobre a contação de histórias com a finalidade de desenvolvimento do gosto pela leitura em uma turma de 1º na educação do/no campo, foram respondidas de forma bem completa, uma vez que constatamos que os alunos se envolviam de forma encantadora com as histórias, era perceptível que eles conseguiam viajar sem sair do lugar, pois o jeito como a professora conta histórias, os recursos corporais e materiais que utiliza, trazendo para a cena da contação objetos e elementos das histórias, a dramatização, a emissão de sons e a voz, expressando as emoções dos personagens promovem a ludicidade para a criança, remetendo à imaginação e a descobertas. Apesar de todas as observações presenciadas terem sido realizadas em sala de aula, pudemos perceber que durante as contações o espaço se transformava e o momento era mágico para as crianças. Os personagens se faziam presentes por meio da mediação da professora. Tudo mudava em alguns minutos e as histórias abriam espaço para a imaginação.



Com essa experiência percebemos o quão necessário é a realização de práticas de contação de histórias com e sem livros, para incentivar o desenvolvimento do gosto pela leitura, despertando pequenos leitores e estimulando o mundo da imaginação.

Sabemos que, as crianças, desde muito pequenas têm sido inseridas no mundo digital e as experiências com livros e a literatura infantil são colocados em segundo plano. Nesse sentido, entendemos que a leitura e a contação, por meio da voz do professor são ferramentas essenciais para desenvolver a sensibilidade, a afetividade e a humanidade, possibilitando ouvir, falar e opinar sobre o texto e seus sentidos. Compreendemos que, ao proporcionar à criança o contato com as histórias e com os livros, desde cedo, estaremos colaborando para o seu desenvolvimento cognitivo como também para o seu autoconhecimento, aspectos que podem colaborar para a superação de conflitos internos e emocionais.

Por fim, concluímos que as propostas de contação de história realizadas pela professora, na turma do 1º ano, ajudam o desenvolvimento da leitura, da escrita e da oralidade das crianças, colaborando para a consolidação do processo de alfabetização e letramento. As práticas leitoras realizadas pela professora, tanto a leitura deleite quanto a leitura usada como “pretexto” têm o objetivo de aproximar a criança da leitura, de promover a linguagem oral e escrita.

Afirmamos que a realização dessa pesquisa foi de grande valia para nosso currículo acadêmico, mas principalmente para nossa experiência profissional, pois as práticas pedagógicas que pudemos observar nesse Trabalho de Conclusão de Curso, ampliaram a nossa visão sobre a mediação da leitura nos mostrando que as escolas públicas têm profissionais comprometidos, com conhecimentos e que valorizam a contação de história como momento de afetividade, de alegria, de imaginação, mas também como oportunidade para o desenvolvimento do gosto pela leitura nas crianças.

Diante disso, esperamos que as discussões dessa pesquisa possam contribuir para que os educadores do Ensino Fundamental anos iniciais, de outras instituições, os/ as professores/as que lerem esse trabalho percebam a importância da contação de histórias para o desenvolvimento do gosto pela leitura e para o contato com o mundo da literatura.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 3. ed. Scipione, São Paulo, 1993.
- AFONSO, Maria Aparecida Valentim; SILVEIRA, Maria Claurênia Abreu de A. Contar histórias: uma abordagem do currículo da educação infantil. In: FARIA, Evangelina Maria Brito de (org.). **Currículo e educação infantil**. João Pessoa: Ideia, 2012.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6. ed. -São Paulo: Ática, 1995.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- COELHO, Nelly Novaes; **Literatura Infantil: teoria análise didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FERREIRA, Naura Syria Carapeto. Gestão democrática da educação: ressignificando conceitos e possibilidades. In: **Gestão da educação: impasses e compromissos**. São Paulo: Cortez, 2009.
- FONSECA, Edi. **Interações: com olhos de ler, apontamentos sobre a leitura para a prática do professor de educação infantil**. São Paulo: Blucher, 2012.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008a.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- BRASIL. Lei n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Estabelece as **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Presidência da República; Casa Civil, 1961. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L4024.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm)>. Acesso em: 29 maio 2019
- LUCK, Heloísa. **A gestão participativa na escola**. 4 ed. Petrópolis/RJ: Vozes. 2008. Série: Cadernos de Gestão.
- LÜDKE, Menga. ANDRE, Marli E.D.A. **A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

MAIA, J. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. 12. ed. São Paulo: Editora Hucitec; 2010.

OLIVEIRA, Dália Andrade. **Gestão democrática da educação: desafios contemporâneos**. 8. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

PINHEIRO, Maria do Socorro Dias. **A concepção de educação do campo no cenário das políticas públicas da sociedade brasileira**. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos915/educacao-campo-politicas/educacao-campo-politicas.shtml>>.

ROMANELLI, O. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 20.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SANDER, Benno. Política, gestão e qualidade do ensino. In: FRANÇA, Magna; BEZERRA, Costa Maura (orgs.). **Política educacional: gestão e qualidade do ensino**. Brasília: Liber livro, 2009.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó/SC, Argos, 2001.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. Rio de Janeiro - Conquista, 1961.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia de pesquisa-ação**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, Atlas, 2008.

VEIGA, Lima Passos Alencastro. **Projeto Político Pedagógico da Escola: Uma construção coletiva**. São Paulo: Papirus, 1995.

ZILBERMAN, Regina. LAJOLO, Marisa. **Literatura Infantil Brasileira: História e histórias**. São Paulo: Ática, 2007.

**ANEXOS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA COM ESPECIALIZAÇÃO NO CAMPO**  
**DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO**

**ENTREVISTA**

DADOS PESSOAIS:

NOME:

IDADE:

FORMAÇÃO:

Qual instituição concluiu a graduação? Em que ano?

Você tem alguma especialização?

Há quanto tempo trabalha na educação?

Nessa escola você trabalha há quanto tempo?

E no primeiro ano você atua há quanto tempo?

SOBRE O TEMA:

1. Você conta histórias para as crianças na sua turma?
2. Você acha importante a contação de histórias? Por quê?
3. Quantas vezes na semana? Em qual horário?
4. Com que objetivo você conta histórias?
5. Que tipo de material você utiliza nesse momento?
6. Você gosta de contar histórias a partir de livros infantis?
7. Como você escolhe suas histórias pra ler para as crianças?
8. Como é a participação das crianças nesse momento?
9. Após a contação o que você costuma fazer?